

XI CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA

1 A 5 DE SETEMBRO DE 2003

UNICAMP, CAMPINAS, SP

GT; 08) ESTADO E SOCIEDADE NA AMÉRICA LATINA OU

10) GERAÇÕES, MIGRAÇÕES E LAÇOS DE SOCIABILIDADE

TÍTULO DO TRABALHO:

IDENTIDADES E FRONTEIRAS NACIONAIS:

Conflitos e representações simbólicas entre imigrantes brasileiros e população paraguaia na região fronteiriça.

AUTOR: JOSÉ LINDOMAR COELHO ALBUQUERQUE

DOUTORADO EM SOCIOLOGIA

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ

As trajetórias dos imigrantes brasileiros no Paraguai

A migração de brasileiros para o Paraguai principia ainda no início da ditadura do general Alfredo Stroessner (1954-89) através de grandes proprietários rurais que adquirem terras baratas na região fronteira. Na década de 1960, com a denominada "Marcha al Este" e com o Estatuto Agrário de 1963, o qual permitia a venda de terras aos estrangeiros nas zonas de fronteira, o governo do Paraguai passou a executar políticas de colonização na região leste do país, facilitando a entrada de brasileiros nas localidades fronteiriças (Sprandel, 2002). Durante os anos 1970, a migração se intensifica como consequência de dois fatores principais: o processo de mecanização da lavoura nos estados do sul do Brasil, expulsando uma grande quantidade de trabalhadores rurais destas fazendas, e a construção da Usina de Itaipu em Foz do Iguaçu (PR).

A modernização da agricultura na década de 1970 levou a um processo de deslocamento de muitos agricultores, posseiros e arrendatários das terras do Oeste do Paraná. Estes trabalhadores rurais, vindos de vários lugares do território nacional, tinham chegado na região há 20 ou 30 anos atrás. O caminho trilhado por estes agricultores para as terras do Paraná fazia parte de uma política deliberada do governo brasileiro no sentido de povoar as regiões fronteiriças, a denominada "Marcha ao Oeste". Com a mecanização agrícola nestas regiões, parte dos trabalhadores se deslocou para a região Centro-Oeste e Norte, outra ultrapassou a fronteira e começou a adquirir terras no território paraguaio (Zaar,2001).

Em 1973, o Brasil e o Paraguai entraram em acordo sobre a construção da Hidrelétrica Binacional de Itaipu nas águas internacionais do rio Paraná. A construção da hidrelétrica modificou rapidamente o cenário da região da Tríplice Fronteira. Calcula-se que só para a construção foram necessários cerca de 40 mil trabalhadores. Para formação do Lago de Itaipu, 42 mil pessoas tiveram que se transferir, sendo 38 mil de pequenos produtores rurais. Muitas famílias dos trabalhadores da usina e dos proprietários indenizados se dirigiram para as terras férteis do Paraguai, pois contavam com a abertura do general Alfredo Stroessner (1954-89).

Os dados são imprecisos sobre a quantidade de brasileiros que atravessaram a fronteira e que permanecem vivendo no Paraguai nas três últimas décadas. Conforme fontes informais, cerca de 350 mil brasileiros entraram no território paraguaio neste contexto, sendo que 60 mil voltaram para o Brasil na década de 1980. Muitos destes trabalhadores se identificam e são conhecidos como *brasiguaios* (Wagner, 1990; Sprandel, 2002). Houve também a intensificação da migração brasileira para o lado argentino na década de 1970, levando a alguns autores e membros do governo argentino a acharem que fazia parte dos planos expansionistas brasileiros modificar as "*fronteiras mortas*" pelas "*fronteiras vivas*" da colonização, expandindo seu território de ocupação (Itaussu & Mello, 1996)¹. Atualmente, há em torno de 400 mil brasileiros vivendo no Paraguai, a grande maioria de forma ilegal, sem documentação que garanta sua permanência no território estrangeiro².

Durante a década de 1970, este fenômeno da migração de brasileiros nos países vizinhos era quase invisível e pouco estudado. Mas a realidade destes imigrantes só se tornou visível na década de 1980, no processo de democratização da sociedade brasileira. Em 1985, com a esperança de uma reforma agrária no governo de José Sarney (1985-1989), um grupo de cerca de mil famílias destes imigrantes retornaram ao Brasil e se acamparam no município de Mundo Novo (MS), passando a reivindicar o direito de cidadania e de terra no território brasileiro. Durante seis meses, eles hasteavam a bandeira nacional todos os dias, cantavam freqüentemente o hino nacional e reivindicavam a identidade de *brasiguaios*. Além de denunciar os constantes maus tratos recebidos pelas autoridades paraguaias (Sprandel, 1992).

É neste contexto que começaram a construir a identidade binacional de *brasiguaios*, que designa a condição de brasileiros, estrangeiros e agricultores. Esta nova

¹ "O general Guglielmelli, porta-voz de setores militares e civis alarmados com essa situação, alertava inclusive que o abandono da fronteira nordeste e a rarefação populacional das províncias de Corrientes e Misiones, que formam uma cunha entre o Paraguai oriental e o sul do Brasil, abriram uma brecha de vulnerabilidade pela qual este último país poderia vir a estender sua influência sobre a mesopotâmia Argentina" (Itaussu & Mello, 1996: 144).

² "O Ministério de Relações Exteriores divulga, que viviam no final da década de 1990, na República do Paraguai, 459.000 brasileiros. Os dados de censos mais recentes, se referem a 98.000 brasileiros em situação legal e a imprensa vem trabalhando com uma cifra de 350.000 não regularizados. Estes brasileiros, legalizados ou não, representam oito décimas partes dos habitantes do Estado do Alto Paraná e seis por cento da população total do Paraguai, e são responsáveis por oitenta por cento da soja produzida naquele País" (Zaar, 2001: 05).

denominação funcionaria como uma forma de restabelecer os vínculos com a nacionalidade brasileira e ao mesmo tempo se diferenciar dos outros camponeses do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Desde então os grupos religiosos ligados a Pastoral da Terra e a imprensa brasileira foram construindo esta identidade para os imigrantes brasileiros que estavam voltando do Paraguai.

Em 1989 terminou a ditadura do general Stroessner no Paraguai e o país começou a organizar alguns mecanismos democráticos, tais como eleições diretas para presidente e para câmara de deputados e maior liberdade para mobilização social. Neste contexto, principia a organização do movimento camponês que reivindica o direito à terra e que passa a ameaçar as propriedades dos brasileiros que vivem naquele país. A partir deste período, os brasileiros são identificados como representantes da política conservadora de Stroessner e do Partido Colorado e como usurpadores das propriedades que deveriam pertencer aos paraguaios (Sant'anna, 1999). Por sua vez, com medo de perder estas propriedades, os brasileiros que lá vivem reivindicaram também a identidade de *brasiguaios* como uma forma de dizer que não são estrangeiros, mas brasileiros naturalizados no Paraguai. Tanto os grandes proprietários do departamento do Alto Paraná como os pequenos produtores e colonos, independente da classe social, se uniram em torno desta identidade binacional e passaram a lutar pelo direito de propriedade.

Desta forma, no contexto dos anos 1990, a designação *brasiguaios* se refere tanto aos imigrantes que voltaram ao Brasil como aqueles que continuam no território Paraguai (Sprandel, 1992). Esta identidade política se constrói nos dois países no processo de democratização e das novas reivindicações dos movimentos sociais. No Brasil, ela adquire uma conotação progressista e contrária a estrutura fundiária brasileira. No Paraguai, a mesma identidade está em sintonia com a política conservadora e se consolida na defesa da propriedade da terra e na luta contra o movimento dos *campesinos*. A identidade de *brasiguaios* é, portanto, muito ambígua, adquirindo significados distintos nos dois países.

Conflitos entre imigrantes brasileiros e população paraguaia

Quem são os brasileiros que vivem no Paraguai? Todos eles atualmente reivindicam a identidade de *brasiguaios*? As principais categorias são os grandes proprietários de terra, comerciantes e madeireiros, os pequenos proprietários, os arrendatários, assalariados rurais, motoristas de caminhão e de máquinas agrícolas, empregados de lavouras, de madeireiras e carvoarias pertencentes a brasileiros e os setores marginalizados (presos, prostitutas, meninos de rua, participantes do crime organizado) que tem aumentado nos últimos anos (Sprandel, 2002; Zaar, 2001; Nascimento & Pinto, 1996).

Nem todos se identificam como *brasiguaios*. Esta identidade é explicitada pelos setores agrícolas que estão diretamente em confronto com os *campesinos* locais. Embora o termo tenha adquirido um sentido positivo na luta pela propriedade no Brasil e na luta contra a invasão da propriedade no Paraguai, a expressão tem uma dimensão de estigmatização, fazendo com que muitos imigrantes não se identifiquem, preferindo a identidade de brasileiros (Zaar, 2001).

Devido à ampliação dos conflitos pela terra, o endividamento dos pequenos produtores rurais e a possibilidade de colocar seus filhos nas escolas brasileiras, muitos destes imigrantes estão voltando para o Brasil nos últimos anos. Conforme dados da Pastoral do Migrante em Foz do Iguaçu, cerca de 6 famílias estão retornando por dia do Paraguai e ingressando nos acampamentos do MST no Oeste do Paraná. Nos acampamentos continuam reivindicando a identidade de *brasiguaios* e lutando pelo repatriamento. Muitos deles não se consideram ainda brasileiros, visto que não têm a cidadania brasileira reconhecida, e nem se sentem paraguaios, pois mesmo aqueles que têm os documentos de cidadania paraguaia, continuam se identificando com o Brasil.

Esta pesquisa focaliza os sentimentos nacionais e as representações sobre a nacionalidade brasileira e paraguaia presentes nos conflitos econômicos, políticos e culturais entre imigrantes brasileiros e população paraguaia no território paraguaio.

Na última década se acentuaram os conflitos entre imigrantes brasileiros e paraguaios. A esperança do fim das fronteiras nacionais com a criação do Mercosul em 1995 se reverteu no reforçamento das fronteiras culturais, simbólicas e políticas entre os brasileiros e os paraguaios. A luta pela terra se tornou a principal bandeira dos *campesinos*.

A quase totalidade das terras que os camponeses estão ocupando pertencem aos *brasiguaios*, estes começam então a enfrentar diretamente os paraguaios, utilizando-se da violência física e simbólica.

Os brasileiros queixam-se das pressões exercidas pelas autoridades paraguaias, das dificuldades de legalização dos documentos, das invasões das terras pelos camponeses. Por sua vez, os paraguaios acusam os brasileiros de monopolizar suas terras, de hastear a bandeira brasileira em território paraguaio, de utilizar a língua portuguesa, de contrabandear produtos paraguaios e de invadir seu território nacional. Há rádios em guarani que convocam os *campesinos* para invadir as terras destes brasileiros que estão destruindo sua identidade nacional.

Numa manchete da revista Veja em 1999 afirmava que os "paraguaios invocam rancores da guerra de um século atrás para expulsar colonos brasileiros"(Veja,). O conflito pela posse da terra reacende várias dimensões simbólicas das identidades nacionais destes dois países. As tensões que ocorrem na fronteira Brasil-Paraguai não têm paralelo com outras áreas fronteiriças, pois remetem a ressentimentos históricos como o ocasionado pela Guerra do Paraguai (1865-70). "Para os paraguaios é muito difícil absorver o ressentimento provocado pela Guerra do Paraguai, travada em meados do século XIX, que arrasou o país e condicionou negativamente seu destino"(Fausto,2001).

Nos últimos anos a vida cotidiana de pequenas cidades e distritos dos departamentos fronteiriços do Paraguai está sendo alterada por constantes conflitos econômicos, políticos, raciais e simbólicos entre brasileiros e paraguaios. O exemplo da pequena cidade de San Alberto é bastante ilustrativo. Esta cidadezinha tem cerca de 23 mil habitantes, sendo cerca de 80% de brasileiros. Eles se uniram e elegeram um prefeito *brasiguai*. Desde então aumentaram as pressões para que o prefeito renuncie. Ele é acusado pelos vereadores da oposição de beneficiar os brasileiros e de contrabando de carros na fronteira. A prefeitura já foi mais de uma vez interdita pelos paraguaios que almejam a renúncia do prefeito.

Nestas cidades e localidades os paraguaios reclamam da predominância de brasileiros que falam sua própria língua, usam sua própria moeda, hasteam sua própria bandeira e têm as melhores propriedades. Segundo um professor de uma escola local em San Alberto, *"temos que proteger nossa identidade ou estaremos perdidos como nação*

nessa onda de globalização e Mercosul" (O drama, 2001). Já para o prefeito "brasiguaião", o conceito de nação adquire outro significado, pressupondo a idéia de mistura racial. "Estamos começando a ver casamentos entre brasileiros e paraguaios; é assim que se forma uma nação" (O drama, 2001).

Os conflitos entre imigrantes brasileiros e população paraguaia exacerbam os sentimentos nacionalistas, as práticas xenófobas e a discussão sobre a identidade nacional guarani e brasileira. Já existe um discurso no Paraguai de que a grande quantidade de brasileiros nos dois departamentos que faz fronteira com o Brasil (Alto Paraná e Canindeyu) estaria acabando com a identidade nacional paraguaia, sendo necessário expulsar todos estes brasileiros "intrusos". Por outro lado, os brasileiros reforçam seus símbolos nacionais (bandeira e hino) e criam um conjunto de palavras depreciativas para os paraguaios, tais como "bugres", "atrasados", "sujos", "preguiçosos", "corruptos" etc.

A configuração cidadãos e estrangeiros

A idéia de configuração entre grupos sociais que detém maior poder e prestígio e outros que estão em situação inferiorizada pode contribuir para uma melhor compreensão das relações de poder entre os imigrantes brasileiros e os paraguaios. O diferencial de poder entre os grupos propicia aos setores estabelecidos criarem uma auto-imagem positiva e a estigmatizar os outsiders. As desigualdades de poder podem ser no sentido econômico, político, cultural, nacional ou de tempo de permanência em um lugar (Elias,2000).

Os grupos recém chegados em um determinado lugar geralmente enfrentam um conjunto de estigmas das populações locais já estabelecidas. Quando falamos de imigrantes brasileiros no Paraguai, há vários aspectos de estigmatização e contra-estigmatização que podem ser pensados a partir da configuração "nós" e os "outros". Os "de fora" são os brasileiros que estão invadindo o território da comunidade nacional e adquirindo terras, empregos e cargos políticos. Os paraguaios estabelecidos, enquanto sentimento de pertença a uma comunidade política e simbólica nacional, além de estigmatizarem os "invasores", "os contrabandistas", também sofrem depreciações por parte dos brasileiros. Nesta configuração em terras paraguaias estão em jogos as identidades nacionais de dois países que começaram a ser construídas no contexto da Guerra do Paraguai no século XIX.

Esta configuração entre estabelecidos e outsiders torna-se muito dinâmica no contexto das relações dos brasileiros em terras paraguaias. Grupos de "brasiguaios" proprietários de fazendas ou mesmo pequenos produtores são estabelecidos economicamente em relação aos *campesinos paraguaios* que não detêm a propriedade de terra. Mas quando entra em jogo a nacionalidade, o sentimento de estrangeiros que os brasileiros enfrentam pode reverter a relação a partir do diferencial de poder comunitário, simbólico e jurídico que a nacionalidade propicia aos paraguaios. Nesta configuração conflituosa as recordações e ressentimentos da Guerra do Paraguai são enfatizados pelos paraguaios. Por sua vez, os brasileiros se apropriam da idéia de civilizados para construir sua auto-imagem e atribuem aos paraguaios a imagem depreciativa de "índios", "selvagens", "sujos", "preguiçosos", "falsificadores" etc.

Pensar sobre as identidades nacionais a partir da idéia dinâmica de configuração em um contexto específico permite desconstruir a visão essencialista presente em muitos autores brasileiros que refletem sobre nossa identidade nacional, comparando com os países da América espanhola (Freire,1975; Holanda, 1995) . Além disso, possibilita ver as imagens cristalizadas e as novas representações que os brasileiros e os paraguaios fazem de si mesmo e dos outros.

O conceito elisiano de habitus nacional substitui o antigo conceito essencialista e naturalizado de "caráter nacional". O habitus nacional permite perceber a mutabilidade histórica da relação entre o indivíduo e a nação, possibilitando pensar a mudança e a reprodução, o indivíduo e a sociedade e a objetividade e a subjetividade não como polaridades contraditórias, mas como uma unidade processual. A formação da subjetividade a partir da cultura nacional enraíza valores que dão sustentação a nossa identidade pessoal. Conforme Elias, diante de uma alteração no mapa das nações no contexto da globalização, o habitus nacional funciona como uma resistência cultural e psicológica.

A reflexão sobre a identidade num contexto de confronto e de fronteiras com outras identidades pode ser esclarecida a partir dos conceitos de comunidade "étnica" e nacional de Weber e dos grupos étnicos e suas fronteiras de Frederich Barth. Para Weber (1994), o sentimento de pertença a uma comunidade de origem possibilita a efetivação de ações comunitárias. A crença subjetiva em uma comunhão étnica produz nos imigrantes recordações e sentimentos em comum, como o apego à terra natal e a possibilidade de

efetivar ações comunitárias e pessoais entre indivíduos que pertencem a grupos estamentais e a classes diferentes. O sentimento de nacionalidade pode unir pessoas bastantes diferentes e separar indivíduos que no sentido econômico, social e político são bastante semelhantes.

Já afirmei que os brasileiros que vivem no Paraguai pertencem a diferentes classes e status sociais. Há grandes proprietários de terras e grandes comerciantes que exploram outros brasileiros e paraguaios em suas empresas e fazendas. Há pequenos produtores rurais que empregam e exploram trabalhadores paraguaios, assim como há grandes e pequenos proprietários rurais e urbanos paraguaios que subordinam trabalhadores brasileiros. Além de uma grande quantidade de arrendatários, diaristas, meninos de rua e prostitutas.

Todavia, apesar de todas estas diferenças sociais, todos podem se identificar e serem reconhecidos pelos outros como *brasiguaios* ou brasileiros. A identidade nacional destes imigrantes é capaz de homogeneizar todas estas diferenças sociais e ainda os regionalismos de origem destes brasileiros, principalmente os grupos de tradição gaúcha e os descendentes de alemães. Nos conflitos entre campesinos e brasileiros, a luta pela terra se transforma num confronto entre duas identidades nacionais capaz de homogeneizar as outras diferenças de classe, ou seja, os campesinos se apresentam como pobres e sem terra e criam a imagem dos brasileiros como ricos e donos das propriedades que deveriam ser deles, pois estão no solo pátrio.

A identidade política de *brasiguaios* pode ser associada à idéia teórica de Barth (1998) que afirma que os grupos étnicos não têm suas identidades definidas como essências, mas é nos jogos políticos e estratégicos das diversas conjunturas que as identidades vão sendo pensadas e recriadas a partir das fronteiras simbólicas e culturais destes grupos que entram em contato e em conflitos com outras identidades. É importante frisar que não são racionalmente pensadas por suas lideranças. Mas a configuração social vai se estabelecendo a partir de avanços e retrocessos e de conjunturas diferenciadas nos dois países nos contextos de redemocratização.

Entretanto, embora os meios de comunicação e as entidades políticas que acompanham os conflitos destes imigrantes no Paraguai continuem denominando-os de *brasiguaios*, estes não gostam de ser assim denominados. Como a imagem simbólica do Paraguai é logo associada negativamente à corrupção, ao contrabando, ao país da

falsificação, a expressão *brasiguaios* incorpora parte deste estigma. Estes imigrantes preferem ser chamados de brasileiros e se identificam à nação brasileira através dos símbolos nacionais, músicas, língua portuguesa etc.

A designação *brasiguaiio* provavelmente tenha apenas um sentido estratégico e útil nas reivindicações junto às autoridades paraguaias para que consigam legalizar sua condição de moradores permanentes naquele país. Mesmo os filhos dos brasileiros que nascem no Paraguai geralmente compartilham com os pais as manifestações culturais de sua terra natal, mesmo que mescladas de palavras em espanhol e em guarani. Os *brasiguaios* seriam um grupo étnico definido a partir da formação de fronteiras políticas, culturais e simbólicas em relações ao povo guarani. Neste caso, ultrapassar as fronteiras territoriais propicia a criação de outras fronteiras que fazem com que estes imigrantes se identifiquem e sejam reconhecidos como um grupo distinto. O cenário das fronteiras nacionais não é somente o lugar da mistura cultural, mas também o lugar de marcar diferenças simbólicas e culturais.

A configuração *cidadão versus estrangeiro* permite entender os dilemas e conflitos destes imigrantes que estão para além da fronteira nacional. A cidadania moderna, definida como a luta e efetivação de direitos civis, políticos e sociais, surge na Europa no contexto de consolidação do Estado de direito e da construção da nação a partir do final do século XVIII. Ser cidadão significa ter direitos de pertencer a uma comunidade nacional nos limites de um determinado território, garantidos pelo Estado nacional. O conceito de cidadania diz respeito ao pertencimento a um Estado-nação. Para Carvalho (2002) significa manter lealdade a um Estado e identificação a uma nação. Estas duas coisas nem sempre andam juntas. A lealdade a um Estado significa participar ativamente da vida política e a identificação com uma nação está relacionada ao envolvimento com valores religiosos, culturais, morais, simbólicos de uma comunidade nacional.

O Estado e a nação não surgiram juntos, somente a partir do século XVIII o Estado nacional se configura na Europa como entidade política e simbólica hegemônica. O Estado é uma instituição que pode ser definida a partir dos princípios de soberania, legalidade, legitimidade e vigilância. Sua especificidade diz respeito à reivindicação do monopólio do uso da violência e da cobrança de tributos sobre um determinado território. O Estado se constituiu através de um processo de centralização e concentração do poder

político na sociedade capitalista. A dominação estatal se efetiva através de um quadro administrativo e da organização dos exércitos permanentes. Estas forças militares se responsabilizam pela expansão e proteção das fronteiras nacionais, principalmente através da guerra, e pelo processo de pacificação interna (Weber,1993; Elias,1994a).

Já o conceito de nação nos remete a uma memória comum, a participação política no presente e a elaboração de um projeto político para o futuro. A nação é, portanto, uma comunidade situada em um determinado território, constituída a partir de valores culturais e morais. Esta comunidade simbólica se concretiza através de um conjunto de símbolos nacionais, rituais e mitos patrióticos, memórias e tradições inventadas e recriadas (Renan,1992; Hobsbawm,1990). A nação é fundamentalmente uma crença subjetiva com forte carga emotiva e que possibilita a construção de identidade individual e coletiva das pessoas. A afirmação "*sou brasileiro*" remete a identificação do "eu" e ao mesmo tempo do "nós" enquanto nação. Ser brasileiro é ser diferente do argentino, do mexicano e do paraguaio. A cultura nacional cria e transforma a nossa individualidade, possibilitando a cada indivíduo ser, sentir e perceber o mundo a partir de determinados valores nacionais interiorizados, constituindo o habitus nacional (Elias, 1994).

Quando pensamos no fenômeno da migração internacional no contexto dos Estados nacionais, a relação entre Estado e nação, entre *cidadãos e estrangeiros* adquire vários significados. Ser um estrangeiro ilegal, mesmo que esteja a poucos quilômetros da fronteira nacional, significa viver sob suspeita e não ter garantias mínimas de um cidadão. Os "clandestinos" vivem vigiados pelas autoridades legais de um outro país. Esta é a condição de muitos brasileiros que vivem do outro lado da fronteira, pois não têm nem visto de permanência e nem documentação que permitam se sentirem cidadãos. Não se identificam nem com o Estado e nem com a nação de destino, mas como estrangeiros que só voltam a se sentir cidadãos quando atravessam a fronteira e ingressam novamente no Estado nacional brasileiro.

Já os *brasiguaios* naturalizados são cidadãos que mantêm lealdade política a um Estado e se identificam com sua nação de origem. Participam da vida política do Paraguai quase sempre apoiando os candidatos do *Partido Colorado* e até se elegendo para cargos políticos, como foi o caso do prefeito da cidade de San Alberto. Todavia, a identificação com o Brasil continua forte através do hasteamento da bandeira nacional no período da

Copa do Mundo, a utilização diária da língua portuguesa, sintonizando rádios e canais televisivos diretamente do Brasil etc.

O nacionalismo ou o patriotismo representa o coração de uma nação. O nacionalismo é uma ideologia e um sentimento de pertença a uma pátria. É a crença intersubjetiva numa comunidade afetiva. Este sentimento comum está acima das classes sociais. O sentimento de pertença a uma entidade coletiva torna-se frágil nos momentos de relativa harmonia, mas quando os conflitos se fortalecem, principalmente nas guerras, nas competições esportivas com outras nações ou em conflitos entre imigrantes e nacionais, a identidade e o orgulho da nação se intensificam. O nacionalismo pode produzir sentimentos de superioridade cultural e efetivar ações discriminatórias diante dos estrangeiros. Ele pode tornar-se autoritário, aproximando do racismo, como no caso do nazi-facismo (Guibernau, 1997).

Nos conflitos entre imigrantes brasileiros e população local estes sentimentos nacionais se intensificam e até produzem práticas xenófobas como ocorreu nos episódios de conflitos armados entre camponeses e pequenos proprietários brasileiros nas localidades de San Alberto e Puerto Índio em 1999.

Os sentimentos nacionais e as representações sobre o outro tornam-se fortes nestes cenários de fronteiras nacionais e nos contatos cotidianos entre povos distintos. Embora haja muita mistura e intercâmbios culturais e econômicos no contexto das fronteiras, especialmente em fronteiras que fazem parte de mercados comuns, os conflitos identitários, os preconceitos sobre o outro e as resistências do habitus nacional continuam presentes.

Os cientistas sociais que pensam a identidade cultural a partir das fronteiras internacionais construíram duas interpretações distintas sobre estas regiões fronteiriças. Uma primeira abordagem considera a fronteira um lugar de transição com múltiplas identidades e com uma forte diversidade cultural. A fronteira é o lugar em que as culturais nacionais se misturam. O que caracteriza as fronteiras é o hibridismo cultural. Estes trabalhos geralmente centralizam em manifestações culturais e lingüísticas e não abordam as dimensões legais e políticas do Estado-nação como delimitador de identidades nacionais distintas (Canclini, 2000; Arce, 2000).

A segunda linha de reflexão enfatiza justamente a força do Estado nos contextos de fronteiras entre países que firmaram acordos econômicos supranacionais. Estes autores questionam conceitos como metrópoles transfronteiriças, translocalidades e transculturalidade para pensar as cidades de fronteiras. Na verdade, uma cidade de fronteira se identifica mais com os valores culturais da nação do que da cidade vizinha. Outro fator é que cada vez mais o Estado intervém nas fronteiras, afastando o contato e a comunicação espontânea entre as cidades de fronteiras (Alegria, 2000; Coubés, 2000).

Nas fronteiras territoriais geralmente outras fronteiras são erguidas. Ultrapassar a fronteira nacional, como é o caso da grande quantidade de imigrantes brasileiros no Paraguai, significa uma mistura cultural e política que está presente na própria denominação de *brasiguaios*, mas também significa erguer fronteiras conflituosas entre "nós" e os "outros".

BIBLIOGRAFIA

- ALEGRÍA, Tito. Juntos pero no revueltos: ciudades en la frontera México- Estados Unidos. In: *Revista Mexicana de sociología*. Ano LXII, nº 02, Abril-junho de 2000
- APPADURAI, Arjun. Soberania sem territorialidade: notas para uma geografia pós-nacional. Tradução de Heloísa Buarque de Almeida. *Novos Estudos, CEBRAP*, 49, 33-46, Nov. 1997.
- ARCE, José Manuel Valenzuela. Al otro lado de la línea. Representaciones socioculturales en las narrativas sobre la frontera México-Estados Unidos. In: *Revista Mexicana de sociología*. Ano LXII, nº 02, Abril-junho de 2000.
- BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe & STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. São Paulo: UNESP, 1998.
- CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. 3ª ed. São Paulo: Editora da USP, 2000.
- CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2002.

COUBÉS, Marie-Laure. Demografía fronteriza: cambio en las perspectivas de análisis de la población de la frontera México-Estados Unidos. In: Revista Mexicana de sociología. Ano LXII, nº 02, Abril-junho de 2000.

ELIAS, Norbert. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

_____ & SCOTSON, Jonh L.. *Os estabelecidos e os outsiders*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FAUSTO, Boris. Atritos na fronteira. www.an.com.br/2001/jun/18/0opi.htm. An Agora, Joinville (SC), 18/06/2001.

FREIRE, Gilberto. *O brasileiro entre os outros hispanos: afinidades, contrastes e possíveis futuros nas suas inter-relações*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975. (Coleção documentos brasileiros).

GELLNER, Ernest. O advento do nacionalismo e sua interpretação: os mitos da nação e da classe. In: BALAKRISHNAN, Gopal (Org.). *Um mapa da questão nacional*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

GREENFELD, Liah. *Nacionalismo: cinco caminhos para a modernidade*. Tradução de João Anapaz Álvares. Portugal: Publicações Europa-América, 1998.

GRIMSON, Alejandro. Vivências do Estado como alteridade. In: FRIGERIO, Alejandro, RIBEIRO, Gustavo Lins (Orgs.). *Argentinos e brasileiros: encontros, imagens e esteriótipos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

_____. *Los flujos de la fronterización: una etnografía histórica de la nacionalidad en Uruguaiiana (Brasil)-Pasos de los Libros (Argentina)*. Tesis de doctorado. Brasilia: Universidade de Brasilia, 2002.

GUIBERNAU, Montserrat. *Nacionalismos: o estado nacional e o nacionalismo no século XX*. Tradução de Mauro Gama e Cláudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

HOBSBAWM, Eric J. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. Tradução de Maria Célia Paoli e Anna Maria Quirino. 3ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ITAUSSU, Leonel & MELLO, Almeida. *Argentina e Brasil: a balança de poder no Cone sul*. São Paulo: ANNABLUME, 1996.

LEI pode expulsar 350 mil brasileiros do Paraguai. Curitiba, *Gazeta do Povo*, 21/10/2002.

LEITE, Dante Moreira. *O caráter nacional brasileiro*. 4. ed. São Paulo: Pioneira, 1983.

LOMNITZ, Cláudio. O nacionalismo como um sistema prático: a teoria de Benedict Anderson da perspectiva da América hispânica. In: *Novos Estudos*, CEBRAP, 59, Março de 2001.

MARTIN, André Roberto. *Fronteiras e nações*. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 1998.

NASCIMENTO, Gilberto & PINTO, Max. Miséria sem fronteiras. *Isto é*, 1996.

O DRAMA dos brasiguaios: brasileiros enfrentam a xenofobia dos paraguaios. Revista do Mercosul, n. 74, ano 2001. www.etm.com.br/pesquisa-public/mercosul/mercosul-74.1.htm.

MERQUIOR, J. G. Padrões de construção do Estado no Brasil e na Argentina. In:

RENAN, Ernest. *Qu'est-ce qu'une nation?*. Paris: Pocket, 1992.

RIBEIRO, Gustavo Lins. Tropicalismo e europeísmo: modos de representar o Brasil e a Argentina. In: FRIGERIO, Alejandro, RIBEIRO, Gustavo Lins (Orgs.). *Argentinos e brasileiros: encontros, imagens e esteriótipos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SANT'ÁNNA, Lourival. *Luta pelo poder no Paraguai envolve brasiguaios*. São Paulo, O Estado de São Paulo, 08/08/1999.

SPRANDEL, Maria Anita. "Aqui não é como na casa da gente": comparando agricultores brasileiros na Argentina e no Paraguai. In: In: FRIGERIO, Alejandro, RIBEIRO, Gustavo Lins (Orgs.). *Argentinos e brasileiros: encontros, imagens e esteriótipos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

ZAAR, Miriam H. A migração rural no oeste paranaense/ Brasil: a trajetória dos "brasiguaios". *Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales*. Universidad de Barcelona, n. 94 (88), 01 de agosto de 2001.

ZARUR, George de Cerqueira Leite. (org.). *Região e nação na América Latina*. Brasília, DF: UnB, 2000.

WEBER, Max. . Relações comunitárias étnicas. *Economia e sociedade*. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: UnB, 1994.